



01 a 04 de  
OUTUBRO  
EVENTO GRATUITO

# IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE  
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO  
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

## **A GEOPOESIA CENTROESTINA NO CORDEL, *O CANDANGO NA FUNDAÇÃO DE BRASÍLIA*, DE SEBASTIÃO VARELA**

*CENTROESTINA GEOPOETRY IN CORDEL, O CANDANGO IN SEBASTIÃO VARELA'S FOUNDATION OF BRASÍLIA*

Augusto Rodrigues da Silva Junior (UEG)<sup>1</sup>

Sheila Gualberto Borges Pedrosa (UEG)<sup>2</sup>

**Resumo:** A Literatura de cordel evoca a questão da oralidade, da interculturalidade, do verso de métrica pensada, rimada e por vezes os modos de fazer esmiuçados na técnica da xilogravura. O cordel contemporâneo, possui origem europeia, chegando no Brasil por meio das diásporas dos colonizadores, que disseminaram as chamadas “folhas volantes”(Diegues Junior, 1973). Lugar de experiência de realidades individuais e coletivas, a Literatura de cordel movimenta a escrita em sua pluralidade de vozes e estilos, modos de versificar e de publicar. Nos campos da geopoesia, trata-se de matéria “invisível – num mapa para-além dos mapas topográficos” (Silva Junior, 2021), pois expressa as mazelas sociais com astúcia, proeza, sagacidade e pitadas do pitoresco para cair no gosto popular. Dessa forma, para repensarmos a expressão do simpósio, “Língua, literatura e ensino: prismas interculturais” destrinchamos os versos no objeto dessa comunicação, o livro *O candango na fundação de Brasília* do escritor paraibano radicado em Brasília, Sebastião Varela, que dialogam com a geopoesia. Encontramos nos versos do poema de Varela (1981) a geopoesia da beleza e da sagacidade nas palavras da descrição subversiva da cultura popular e o risco subvertedor do discurso da feira, da palavra que circula em livro (para alguns: em corda). O objetivo desse trabalho é pensar o cordel centroestino do ponto de vista da geopoesia. Esta proposta de comunicação tenciona e tensiona analisar e debater as situações narradas por Sebastião Varela em meio a paisagem encontrada nos canteiros de obra da futura capital federal, no céu azul, na poeira que iguala as pessoas, na chuva que cai de noitinha, no alimento que une e distingue os homens.

**Palavras-chave:** Geopoesia. Cordel centroestino. Cultura popular. Candango. Brasília.

**Abstract:** Cordel Literature evokes the issue of orality, interculturality, verse with thoughtful, rhymed metrics and sometimes the ways of doing things scrutinized in the woodcut technique. Contemporary cordel has European origins, arriving in Brazil through the diasporas of colonizers, who disseminated the so-called “folhas flyas” (Diegues Junior, 1973). A place to experience individual and collective realities, Cordel

<sup>1</sup> Professor Associado de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília. Coordenador da Cátedra Agostinho da Silva (UnB). cursou Pós-doutorado em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), com projeto intitulado “Geopoesia e Literatura de Campo centroestina: etnoflâneries por Goiás e Brasília” (supervisão Prof. Dr. Willi Bolle), [augustorodriguesdr@gmail.com](mailto:augustorodriguesdr@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Língua Literatura e Interculturalidade - POSLLI/UEG. Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB), [sheilapedrosa@gmail.com](mailto:sheilapedrosa@gmail.com)



Literature moves writing in its plurality of voices and styles, ways of versifying and publishing. In the fields of geopoetry, it is an “invisible matter – on a map beyond topographic maps” (Silva Junior, 2021), as it expresses social ills with cunning, prowess, sagacity and hints of the picturesque to appeal to popular taste. In this way, to rethink the expression of the symposium, “Language, literature and teaching: intercultural prisms”, we break down the verses in the object of this communication, the book *O candango* in the foundation of Brasília by the writer from Paraíba based in Brasília, Sebastião Varela, which dialogue with the geopoetry. We find in the verses of Varela's poem (1981) the geopoetry of beauty and wit in the words of the subversive description of popular culture and the subverting risk of the fair's discourse, of the word that circulates in books (for some: on string). The objective of this work is to think about the Centrostino cordel from the point of view of geopoetry. This communication proposal intends and seeks to analyze and debate the situations narrated by Sebastião Varela amidst the landscape found on the construction sites of the future federal capital, in the blue sky, in the dust that equals people, in the rain that falls at night, in the food that unites and distinguishes men.

**Key words:** Geopoetry. Centrostino Cordel. Candango. Popular culture. Brasília.

## INTRODUÇÃO

Desde os primórdios dos tempos, quando a noite caía e o homem acendia uma fogueira em sua tribo e contava os feitos do dia para os seus semelhantes, como caças, pescas realizadas, enfrentamento de feras, a literatura oral se mostrou presente e capaz de modificar o *status quo* de uma sociedade. A partir desses relatos, dessas histórias, o homem era capaz de tomar decisões nas suas atividades cotidianas. Com a invenção da escrita, mudaram-se as formas de se transmitir as histórias, que passou da oralidade para os registros impressos dessas confabulações. Foi quando o homem passou a reproduzir literatura para os diversos públicos. Sobre isso, na obra *Literatura e sociedade*, Antonio Candido (2006) afirma que, “[...] a invenção da escrita (para o caso da literatura) mudou esta situação, abrindo uma era em que foram tendendo a predominar os públicos indiretos, de contactos secundários, já referidos, e que adquiriram ímpeto vertiginoso com a invenção da tipografia e o fim do mecenato estamental” (Candido, 2006, p. 45).

É importante destacar que, na antiguidade, a literatura oral se apresentava principalmente com caráter didático, com o objetivo de condicionar as ações humanas. Sobre essa capacidade da literatura de se comportar de forma semelhante a um instrumento de instrução e educação, Candido (2006, p. 177) afirma que ela “[...] constitui-se como um bem indispensável, todavia um direito ao



ser humano usufruir e deleitar-se sobre sua capacidade de humanização”. No capítulo *Direito à Literatura*, da obra *Vários escritos*, o autor observa ainda que:

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (Candido, 2011, p. 177).

Para Candido (2011), portanto, ao fornecer experiências e não apenas projeções, a literatura teria a capacidade de humanizar as pessoas, de torná-las vivas e participativas no sistema social. No que tange ao direito à literatura, Sandra Ferreira, em *A Literatura contra a barbárie*, discorre sobre o pensamento de Candido refutando que, “[...] a literatura assume a condição de direito, segundo Candido, porque corresponde a uma necessidade profunda do ser humano” (Ferreira, 2018, p. 20). Ao longo da história, o conceito de literatura passou por transformações, ocupando espaços, denunciando, propondo novas perspectivas para as relações entre os seres humanos. Ferreira (2018, p. 20) afirma ainda que “[...] o conceito de literatura proposto por Candido (2011) abarca todas as criações de fundo poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma cultura, desde o folclore até as formas escritas complexas”.

Nesse contexto, a Literatura de cordel exerce esse papel de inclusão e de crítica social quando, em seus versos, permite acessar a experiência da situação emergencial e calamitosa de um povo. Diante disso, a partir da ideia de direito à literatura defendida por Candido (2011), a Literatura de cordel também se apresenta como forma de refletir, de denunciar e de convidar o cidadão a participar da vida social, ou seja, “o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (Candido, 2011, p. 117). O cordel se apresenta com um gênero literário capaz de aguçar o senso crítico da população, pois o cordelista denuncia, narra fatos históricos, expõem notícias, realiza releituras de obras clássicas, inserindo o homem sertanejo no universo da leitura e da literatura. “A literatura



desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante” (Candido, 2011, p. 117).

Dentre os múltiplos gêneros literários, a poesia é uma forma de expressão capaz de evocar sensações que penetram profundamente na subjetividade do leitor. Acerca dessa prática da linguagem poética, Alfredo Bosi (2015) ressalta que “[...] a poesia assim exercida torna-se então inestimável: limpa a palavra das escórias do desgaste rotineiro e mantém vivo o seu potencial de som e significação”. Ainda discorrendo sobre a poesia, Bosi (2015, p. 22), afirma “[...] o retorno não entorpece a atenção como se fora uma canção de ninar que induz o ouvinte ao sono; ao contrário, chama a percepção do leitor para as virtualidades semânticas da palavra”. Pode afirmar então que a poesia é subjetiva e permeia o universo da criação artística, onde seres, coisas e palavras são capazes de existir e coexistir no pensamento do leitor ou olhar mais atento do observador poético. Para Octávio Paz (1982), a poesia é “[...] conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza [...] Expressão histórica de raças, nações, classes”. É através da poesia que o homem vislumbra o inabitável, o intangível, o surreal, o sobrenatural, o inominável, aquilo que nossas faculdades mentais consideram impossível. Paz (1982) afirma sobre a poesia que a mesma, “nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem [...]” (Paz, 1982, p. 15). Essa subjetividade da poesia é capaz de gerar uma imensidão de possibilidades, para além da imaginação da concepção poética. Paz (1982) considera a poesia “Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior; linguagem primitiva [...] Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal”. (Paz, 1982, p. 15). Dessa forma Paz (1982, p. 26-27), acredita que a poesia é tudo aquilo que existe e não existe nesse mundo que nossos olhos podem enxergar. O cordel é literatura popular em verso, poema narrativo, que traz em sua herança cultural a arte de contar histórias, de narrar e cantar versos.



## LITERATURA EM VERSO POPULAR

A partir da segunda metade do século XIX, a Literatura de cordel é introduzida no Brasil. Nos séculos XV e XVI, Portugal já vivia o costume herdado dos antigos trovadores de vender folhetos escritos, poesias e prosas em praças e feiras. Com a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, a popularização da escrita na Europa e a chegada da família real ao Brasil em 1808, esses folhetos foram sendo disseminados e distribuídos conforme a demanda da época. A presença da Literatura de cordel no Nordeste brasileiro, portanto, possui raízes lusitanas, chegando com o romanceiro peninsular e conforme Diegues Júnior, “[...] tais publicações foram trazidas nas bagagens dos colonizadores portugueses” (Diegues Júnior, 1973, p. 05). A origem europeia do cordel brasileiro é afirmado em estudos realizados pelo estudioso Diegues Junior (1973) onde o mesmo afirma que “O nome de Literatura de cordel vem de Portugal e como todos sabem, pelo fato de serem folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante em exposição nas casas onde eram vendidos. Com este nome já os assinala Teófilo Braga em Portugal do século XVII, senão mesmo antes” (Diegues Júnior, 1973, p. 05). Diegues Junior (1973) afirma que a Literatura de cordel poderia estar relacionada ao romanceiro popular, a ele ligando-se, pois apresenta-se como romances em poesia, pelo tipo de narração que descreve. (Diegues Júnior, 1973, p. 05). O estudioso Diegues Junior (1973) afirma ainda que o cordel peninsular foi disseminado não apenas para o Brasil, mas por toda a América Latina, para os países de colonização espanhola. Segundo o autor, “[...] é evidente que o romanceiro que nos veio de Portugal, não era exclusivamente lusitano; aí tendo chegado por várias fontes. Era assim peninsular, tanto que se divulgou também nas partes de colonização espanhola na América”.

Na cultura popular dos países hispano-americanos, encontramos traços da presença desse romanceiro, não raro as mesmas narrativas, sobretudo as novelas tradicionais que se espalhavam pela Europa. Também na área de origem espanhola, os versos que correspondiam ao português na Literatura de cordel igualmente aparecem do que ainda hoje persistem alguns traços. Na Espanha a Literatura de cordel era chamada de *pliegos sueltos*, o que correspondia também a denominação portuguesa de folhas volantes (Diegues Júnior, 1973, p. 06).

A Literatura de cordel, ao longo de sua trajetória histórica, tem desempenhado uma função notável na inclusão social e na representação das vivências do povo sertanejo. Os cordelistas, tanto



em épocas passadas quanto na contemporaneidade, desempenham o papel de agentes informativos e de promotores da expressão cultural, viabilizando que as vozes e o imaginário do povo encontrem espaço e reconhecimento por meio de seus folhetos. Portanto, a literatura de cordel não apenas preserva as tradições culturais do Nordeste, mas também proporciona uma plataforma para que o público leitor exerça um direito, como sustentado por Candido (2011, 2012). Essa intersecção entre a expressão literária e a realidade social emerge como uma das características proeminentes desse gênero literário, que continuará a desempenhar um papel de relevo na cultura brasileira contemporânea.

Nesse contexto, a Literatura de cordel, presente no Brasil desde o século XVI, configura-se como uma expressão cultural essencial, particularmente enraizada no Nordeste. Abraçando uma ampla gama de temas, que vão desde o fantástico até o cotidiano, da denúncia social à sátira, e da peleja à epopeia do homem sertanejo, os folhetos dos cordelistas frequentemente incorporam crítica social, valendo-se da sátira e do pitoresco como meios de informação e comunicação. Desse modo, a Literatura de cordel permanece como uma manifestação multifacetada que não apenas reflete a cultura nordestina, mas também aborda uma variedade de questões sociais, históricas e humanas que ecoam em toda a sociedade brasileira.

A estreita relação entre o Nordeste brasileiro e Brasília, a capital federal, é um capítulo significativo na história da migração e da contribuição cultural dessas regiões distintas. A construção de Brasília, a partir de 1956, atraiu milhares de trabalhadores, muitos deles nordestinos, que ficaram conhecidos como "candangos", ao deixaram suas terras natais em busca de oportunidades e melhores condições de vida no Planalto Central. Esse movimento migratório maciço desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da nova capital e, ao mesmo tempo, trouxe consigo as raízes culturais do Nordeste, incluindo a tradição da Literatura de cordel.

A Literatura de cordel, assim, desempenhou um papel importante na preservação da memória dos trabalhadores que migraram de diferentes estados do Brasil para participar da construção de Brasília. Na Literatura se registrou experiências, desafios e contribuições, durante a construção de Brasília, tornando-se um testemunho significativo do período histórico e uma parte valiosa da cultura da capital federal. A saga da construção de Brasília é retratada nas obras dos



cordelistas candangos que migraram para a nova capital e, muitas vezes, transmitiram suas vivências por meio de folhetos. Ao narrar essas histórias em versos, rimas e métricas características do cordel, eles estabelecem um diálogo constante com a sociedade, promovem a difusão da literatura sertaneja e contribuem para a democratização da cultura popular. Além de destacar a relevância da Literatura de cordel, esses escritores preservam a memória candanga, perpetuando a tradição oral e a história cultural de Brasília para as futuras gerações.

Foi no planalto central, num imenso cerrado inóspito, seco, com árvores baixas de troncos retorcidos, que nasceu a cidade de Brasília. A proeza de transformar o inabitável em habitável não seria possível se não fossem as mãos calejadas e a vontade da classe trabalhadora e operária que deram vida à saga da construção da capital do país. Brasília é uma cidade singular, que abriga uma diversidade cultural em termos de fator humano. A capital do país atraiu um grande contingente de nordestinos que migraram em busca de trabalho na construção civil e fizeram dela sua morada. Esses indivíduos, habituados com os folhetos vendidos nos mercados, feiras e praças do Nordeste, rapidamente adotaram a prática da leitura e da escrita do cordel na capital. Atualmente, numerosos cordelistas continuam a escrever sobre a saga da construção da cidade, e os principais Espaços Culturais de Brasília carregam as marcas da história cultural da cidade, desde o seu planejamento até a sua execução. Em Brasília, a poesia se entrelaça organicamente com a própria essência da cidade.

Os candangos são esses desbravadores que vieram para ajudar na construção da cidade e aqui deixaram suas marcas, suas expressões culturais, seus saberes e seu modo de vida simples. Homens e mulheres de origens humildes deixaram sua terra natal para se aventurar no cerrado do centro-oeste. Esses candangos, em sua maioria provenientes da região Nordeste do país, além de participarem ativamente da construção da cidade, deixaram em cada edifício as marcas de seu ofício, de seus costumes e suas tradições culturais. Brasília era uma promessa oriunda de tempos remotos, desde Marques de Pombal, aos planos de execução liderados pelo então presidente eleito em 1956 Juscelino Kubitschek. A obra da construção de Brasília iniciou no ano de 1956 com estudos e propostas de desapropriações de fazendas da iniciativa privada, tomou força e forma



quando captou mão de obra do Norte e Nordeste do país, inebriados pela promessa da capital da esperança que nasceria no planalto-central.

Sob o céu azul da capital federal e envolvidos pela poeira vermelha e fina do cerrado, uma profusão de expressões artísticas floresceu em Brasília. A cidade, situada no Centro-oeste brasileiro e distante do mar, tornou-se um local singular, envolto por um "niemar," um termo que evoca a ausência de mar, mas também pode ser interpretado como um "nenhum mar." Conforme observado pelo poeta e escritor goiano radicado em Brasília, Augusto Rodrigues Silva Junior (2018). O poeta Silva Junior (2018), ou somente “Augusto Niemar”, adotou Brasília como lar, esse "niemar" “[...] na capital manifestou-se na vastidão dos céus que se estendem pelo planalto central de Goiás”. O céu tornou-se um elemento fundamental na poesia dessa cidade. De fato, é impossível falar de Brasília sem contemplar esse vasto céu que se assemelha a um oceano de poesia no firmamento brasiliense. Essa cidade planejada inspirou inúmeras formas de expressão poética que traduzem a beleza de seu cenário. Sobre o termo “niemar”, o poeta Silva Junior (2015) afirma que, [...] Niemar é tanta coisa! É nome de livro; é verbo – tornar seco; é uma condição topográfica sem-mar (nie – não, des, sem); é como o povo, em suas variantes, denomina o arquiteto de Brasília, Niemeyer – niemar, niemar-ier, niermá; é heteronímia que assina um livro que não fala de Brasília, mas fala da Terra com a terra cerrada (Silva Junior, 2015, p. 238). A construção monumental da capital é narrada sob a ótica de um trabalhador candango na obra, objeto desse estudo, *O candango na fundação de Brasília*, cordel que enfatiza em seus versos a geopoesia centroestina e sua rica diversidade cultural, caracterizada pelo cenário poético do planalto central.

## AS ANDANÇAS DE “TIÃO VARELA”

Sebastião Varela nasceu em Campina Grande na Paraíba em 02 de janeiro de 1927, era homem negro, inquieto, e parafraseando Paulo Freire (2009), possuidor da “sabedoria de mundo” sertanejo, detentor de sabedoria popular e vasta cultura, absorvida em suas jornadas pela sobrevivência em suas “leituras de mundo”. Freire (2009, p. 29), afirma que “[...] a Leitura de mundo precede a leitura da palavra”. É essa leitura de mundo que faz do homem sertanejo um leitor



do céu, das estrelas, do significado das suas nuvens no céu, do significado do cantar das cigarras, do desabrochar das flores, da orientação dos navegantes, do contato do agricultor com a terra, entre outras leituras que homem é capaz de fazer com esse conhecimento de mundo. Sebastião Varela era um profundo conhecedor da cultura popular, da literatura oral e dos versos de cordel. O homem sertanejo possui cultura, expressão cultural e sabedoria popular para ler o mundo. “Sobre cultura e expressão cultural”, Freire (2009, p. 42) discorre que, “[...] cultura é a forma como o povo entende e expressa o seu mundo e como o povo se compreende nas suas relações com o seu mundo. Cultura é o tambor que soa pela noite adentro. Cultura é o ritmo do tambor. Cultura é o gingar dos corpos do povo ao ritmo dos tambores”. Cassiano Nunes (1981), poeta, escritor e prefaciador da obra estudada afirma que, “Tião”, em sua saga pela sobrevivência, viveu uma vida marcada por desafios, foi garimpeiro na Paraíba, soldado da borracha na Amazônia e ladrilheiro em Sobral Paraíba. Nunes (1981) afirma que Sebastião Varela, atendeu aos anseios da Campanha Nacional de JK, indo trabalhar como operário na construção da “Capital da esperança”, em 1958. Após essa saga de viagens e diásporas em busca da sobrevivência, Sebastião Varela migra para a então capital do país, a cidade de Brasília em busca de emprego e melhores condições de vida. Sebastião Varela é convidado a trabalhar como contínuo na Universidade de Brasília e no meio acadêmico se faz presente e necessário. Em seu intervalo de almoço pela universidade, distribuía versos de cordel aos estudantes, que apreciavam suas artesanias com as palavras. Sua poesia é reconhecida e incentivada por nomes como, Cassiano Nunes, Agostinho da Silva, Cristovam Buarque, entre outros intelectuais do celeiro cultural da UnB. Com incentivo desses intelectuais, Sebastião Varela publica em 1981 o livro *O Candango na fundação de Brasília*.

## **A GEOPOESIA CENTROESTINA EM O CANDANGO NA FUNDAÇÃO DE BRASÍLIA**

*O candango na Fundação de Brasília* perpassa esse universo da geopoesia centroestina, das andanças, das viagens e experiência de vida de Sebastião Varela. O escritor cordelista insere detalhes de sua experiência de vida em seus versos de cordel. “A geopoesia busca obras literárias que contemplam em suas páginas detalhes da condição humana. Escritas em que o contexto, dentre



os vários traços da vida, revela doses de memória, fatias de desejo, revelações de símbolos, porções de nomes, fronteiras não de cercar - mas de abrir” (Silva Junior, 2018, p. 58). A referida obra do escritor cordelista Sebastião Varela é composto por 3.499 versos, predominantemente heptassílabos, distribuídos em 544 estrofes que variam entre sextilhas, septilhas, oitavas e décimas. A capa do livro traz uma fotografia do monumento “Dois Candangos” e sua escolha se deu por decisão dos responsáveis pela edição da obra, financiada com recursos da então Fundação de Educação e Cultura do DF, sendo distribuída gratuitamente entre as Bibliotecas e Centros de cultura da capital.

**Fotografia 1:** Capa do livro *O candango da fundação de Brasília*



**Fonte:** Arquivo pessoal.

A linguagem utilizada no cordel de Varela (1981) aproxima o leitor de sua cultura e suas vivências. Para o filósofo (Bakhtin, 2006, p. 261), “[...] todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Observou-se, assim, a heterogeneidade desses discursos tanto orais quanto escritos. Para (Bakhtin, 2006, p. 262), “[...] todos esses três elementos, - o conteúdo temático, - o estilo, - a construção composicional, estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”. A linguagem do sertanejo se faz presente no poema, as palavras simples, por vezes com algum erro de português, não comprometem o gênero do discurso. Dessa forma, de acordo com Bakhtin (2006) entende-se que “cada enunciado particular” é único e individual, mas cada campo de utilização da língua elabora os seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais são



denominados como, gêneros do discurso” (Bakhtin, 2006, p. 262, grifos do autor). A escolha desses gêneros consiste numa prática social daquele que propõe o discurso. No cordel estudado de Sebastião Varela (1981), o poeta se propõe a contar uma história, definida em versos, com temática e estilo próprio.

Através desse excerto é possível afirmar que no poema *O candango na fundação de Brasília* há a presença subjetiva de geopoesia, imagens poéticas e efeitos de sentido que denotam tensões relacionadas a situações ambíguas, marcadas por altos e baixos, que permeiam o universo da fundação da capital, sob a perspectiva do trabalhador operário. Octávio Paz (2009, p. 37) afirma que “a palavra imagem possui, como todos os vocábulos, diversas significações”, sendo, para o autor, como “um vulto, representação como quando falamos de Apolo ou da Virgem”. Nesse contexto, Paz (2009) esclarece que é importante destacar que, ao utilizarmos o termo “imagem,” referimo-nos a toda forma verbal, seja uma única frase, um conjunto de frases ou um agrupamento delas que o poeta constrói, as quais, quando unidas, compõem um poema:

Estas expressões verbais foram classificadas pela retórica e se chamam comparações, símiles, metáforas, jogos de palavras, paronomásias, símbolos, alegorias, mitos e fábulas, etc. Quaisquer que sejam as diferenças que as separam todas tem em comum a preservação da pluralidade de significados da palavra, sem quebrar a unidade sintática da frase ou do conjunto de frases (Paz, 2009, p.37).

No cordel de Sebastião Varela, a poeira, um elemento presente no espaço físico da cidade em construção, transcende sua mera natureza material. Ela se torna um símbolo multifacetado, carregando consigo uma riqueza de significados. A poeira vermelha, que, por vezes, mancha as roupas brancas dos personagens, evoca não apenas a paisagem árida do cerrado, mas também as contradições da vida dos operários que trabalham incansavelmente sob o sol escaldante. Ela é, ao mesmo tempo, o sonho da cidade nova, o suor do trabalho árduo e o sangue derramado pelas desigualdades e injustiças. A interpretação dos elementos poéticos que identificam a presença da geopoesia, nos permitirá compreender a complexidade do espaço, da paisagem reverberada no poema e das experiências e vivências dos candangos na construção de Brasília. A geopoesia, “essa busca literária pelo invisível do centro periférico”, Silva Junior (2018), permeia o cordel de



Sebastião Varela e reverbera o espaço poético, a paisagem e o pensamento do sertanejo que em suas andanças migra para a cidade de Brasília, fazendo morada e poesia.

**Fotografia 2:** geopoesia na poeira



**Fonte:** Arquivo Público do DF

Nos versos 230 a 237, estrofe 32: /230 Se não fosse desta forma/ 231 ninguém se sujeitava/ 232 este céu que se vê hoje / 233 era barro que voava / 234 uma poeira tão fina / 235 que o ar já fumaçava / 236 tudo aqui era vermelho / 237 só do pó que levantava / (Varela, 1981, p. 30). A presença da poeira vermelha, que, por vezes, mancha as roupas brancas dos personagens, evoca não apenas a paisagem árida do cerrado, mas também as contradições da vida dos operários que trabalham incansavelmente sob o sol escaldante. Ela é, ao mesmo tempo, o sonho da cidade nova, o suor do trabalho árduo e o sangue derramado pelas desigualdades e injustiças. A geopoesia é marcada pelo contraste do céu azul com o vermelho da terra dos canteiros de obra de Brasília, marcando as vestes dos trabalhadores, o cheiro de terra e o calor que os trabalhadores candangos sentiam sob o sol escaldante. Nos versos 373 a 378, estrofe 54, observe-se como o poema descreve a situação dos trabalhadores:/ 373 Todos suados e molhados/ 374 da cabeça até os pés/ 375 visgados nesse serviço/ 376 uma tarefa cruel / 377 e no fim de cada dia / 378 era serviço a granel. (Varela, 1981, p. 42). O poeta é detalhista em descrever a situação degradante do trabalhador candango, ao mesmo tempo que essa situação humilha ela descreve que o homem não tinha outra



opção a não ser se submeter e sobreviver com aquele trabalho. A descrição do trabalho árduo e manual se transfigura em geopoesia, pois além de detalhar a situação laboral do trabalhador, há pistas para a denúncia da condição humana de exploração e falta de cuidado com o corpo do trabalhador. “Importa destacar que a geopoesia, poética do fazer pensamental, constitui-se de pequenos detalhes existenciais transformando em vestígios, em pequenos traços impressos - pictografados, desenhados, riscados, pautados pelo desassossego” (SILVA JR., 2018, p. 58).

Nos versos 880 a 895 percebe-se que, a poeira está para o poema, assim como o poema está para a poeira: / 880 E como disse ao leitor / 881 virava tudo pro ar / 882 os grandes lençóis de poeira / 883 fazia nuvem nos ares / 884 tudo era vermelhinho / 885 mesmo da cor do tauá / 886 até mesmo a comida / 887 na hora de almoçar. Os operários enfrentaram um cenário em que o céu não se revelava em sua imensidão azul, mas sim como um turbilhão de poeira. Esse “[...] céu que se vê hoje” não era senão uma nuvem avermelhada e opressiva, uma poeira tão fina que pairava no ar e se mesclava com a fumaça decorrente da ação dos trabalhadores: 888 Era também vermelhinha / 889 parecendo colorau / 890 mentira era mesmo barro / 891 deste sertão de Goiás / 892 que tangido pelo vento / 893 ninguém podia evitar / 894 *centava* que nem se via / 895 não se podia tampar (VARELA, 1981, p. 64). / 2390 Mas era nuvem vermelha / 2391 deste barro de goiás / 2392 esteras de vasculante / 2393 cada um querendo mais / 2394 tudo era empreita / 2395 sem demora no trasais. (VARELA, 1981, p. 131).

**Fotografia 3:** Trabalhadores nos canteiros de obra



**Fonte:** Arquivo Público do DF



Esses versos de Varela, trazem à tona a dureza do trabalho, onde a terra seca e empoeirada parecia ganhar vida e se unir ao suor e ao esforço dos trabalhadores, tornando-se uma parte indissociável da paisagem e das próprias vidas daqueles que construíram a nova capital. Ainda refletindo sobre a imagem poética da poeira nos versos 2384 a 2389 o poeta segue descrevendo e tecendo o poema com a poeira que envolve tudo na construção da cidade: / 2384 O grande véu de poeira / 2385 cobria tudo em geral / 2386 tudo aqui era vermelho / 2387 o pó fazia sobrado / 2388 nas alturas a gente via / 2389 nuvem fazendo degrau (Varela, 1981, p. 131). A poeira, nesse contexto, não é apenas um elemento físico, mas uma metáfora para as dificuldades enfrentadas por esses operários, representando tanto o sonho da cidade nova quanto o suor do trabalho e, por outro lado, o sangue derramado em meio a desigualdades e desafios. Na estrofe 344 e 353 há uma mistura entre suor e poeira, dando um contexto de sacrifício e sobrevivência: /2200 Brasília não caiu / 2201 prontinha lá do céu / 2202 isto aqui foi sacrifício / 2203 muitas tarefas cruéis / 2204 tangido pelo caboclo / 2205 coragem mesmo a granel (Varela, 1981, p. 123). / 2254 No corpo a roupa ligava / 2255 no corpo mesmo enxugava / 2256 depois de uma hora / 2257 candango não mais ligava / 2258 o suor com a poeira / 2259 com isto a roupa enxugava. Nesses versos há a fusão do suor dos trabalhadores com a poeira do cerrado, que é ilustrada como um processo implacável, capaz de ressaltar a condição árdua em que esses operários trabalhavam. Em se tratando de paisagem para o teórico Collot, nesse processo, “o sujeito parece sair de si mesmo para se espriar por todo o espaço circundante, uma espécie de ubiquidade, que pode ser feliz ou vertiginosa” (Collot, 2020, p. 100).

Dessa forma, essa mistura do suor com a poeira, pode ser compreendida não apenas como uma representação tangível do esforço físico e do trabalho pesado, mas também como uma metáfora da determinação e da resiliência desses homens diante das adversidades. O fato de que "candango não mais ligava" para a fusão do suor com a poeira realça a sua força e tenacidade na construção da nova capital. Assim, ao mesmo tempo em que expõe as duras condições a que os trabalhadores eram submetidos, os versos enaltecem a resistência desses trabalhadores em meio a condições tão adversas.



Nas estrofes a seguir 136 e 135, o poeta destaca a questão das desigualdades sociais em termos de moradia ao que o trabalhador candango estava submetido: 940 Invasão continuou / 941 nunca deram permissão / 942 candango se aboletou-se / 943 formaram uma invasão / 944 por nome de Vila Aumauri / 945 barraco por toda a parte / 946 foi gente como formiga / 947 ali moraram três anos / 948 no fim as águas cobriram (Varela, 1981, p .66-67). Os versos em questão destacam um aspecto crucial da saga dos candangos na construção de Brasília: a ausência de moradias adequadas para os trabalhadores. Eles desempenham um papel fundamental na edificação de “prédios bonitos” para a nova capital, mas enfrentam a dura realidade de não terem um lugar digno para residir. Essa situação demonstra, mais uma vez, a desigualdade marcada no espaço, pois, por um lado, estão envolvidos na construção de uma cidade moderna e esplêndida, mas, por outro, vivem em condições precárias. A formação das invasões demonstra a necessidade desesperada dos candangos em garantir um teto sobre suas cabeças, e a rápida expansão da comunidade reflete a urgência dessa necessidade. Esses versos capturaram a complexa dinâmica de construção e moradia que caracterizou a história dos trabalhadores em Brasília, demonstrando de maneira poética as lutas e desafios que enfrentaram durante esse período. 934 Voltamos ao candango / 935 sem ter onde ficar / 936 fazendo prédios bonitos / 937 sem ter onde morar / 938 vejam que coisa sem *geito* / 939 isto aí é de lascar.

**Fotografia 4:** Trabalhadores sem moradia



**Fonte:** Arquivo Público do DF



O filósofo Gaston Bachelard (1978), afirmar que “[..] a casa é nosso canto do mundo”. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela” (Bachelard, 1978, p. 200). Nesse trecho do poema, estrofes 136 e 135, percebe-se o vínculo emocional, a topofilia e a identificação dos candangos com a nova percepção da paisagem de Brasília. Depois de anos de trabalho árduo na construção da nova capital, os candangos decidiram permanecer nessa cidade que ajudaram a erguer e tentaram fazer dela o seu lar, mas foram impedidos pelo poder público, que reservou à margem da cidade de Brasília para esses trabalhadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brasília, “A capital da esperança”, é uma cidade singular, fruto da miscigenação, interculturalidade e multiculturalidade desencadeadas pela migração de trabalhadores, oriundos especialmente do Nordeste, no período de sua construção. De acordo com os conceitos de “paisagem”, de Michel Collot (2013, 2020), e de espaço poético, de Gastón Bachelard (1978), foi possível identificar que a imagem da poeira vermelha, presente em diversas passagens do poema, é um símbolo marcante das contradições entre o sonho da nova capital, a esperança de melhoria das condições de vida daqueles que deixaram suas casas e a dura realidade encontrada nos canteiros de obras.

A partir dos conceitos de “paisagem”, de Michel Collot (2013, 2020), e de espaço poético, de Gastón Bachelard (1978), foi possível identificar que a imagem da poeira vermelha, presente em diversas passagens do poema, é um símbolo marcante das contradições entre o sonho da nova capital, a esperança de melhoria das condições de vida daqueles que deixaram suas casas e a dura realidade encontrada nos canteiros de obras. Pela poeira vermelha, que mancha as roupas brancas, os lençóis brancos e, até mesmo, invade a comida dos operários [impregna o corpo], pode-se compreender essa paisagem, “[...] aliança necessária entre interior e exterior, já que é definida pelo ponto de vista de um sujeito sobre o mundo (Collot, 2020, p.121).



Sebastião Varela descreve com detalhes essas imagens do espaço poético que deu lugar à cidade de Brasília. O cordel é carregado de paixão, mas também de denúncia sobre a situação contraditória da classe operária que colocou as mãos na massa para efetivar o sonho de muitos políticos que pretendiam fundar a capital federal. O candango descrito na obra de Varela vê em Brasília a esperança de dias melhores, enxerga oportunidade de crescimento, por isso resiste e insiste no “Projeto Brasília”. A campanha “Brasília capital da esperança” é citada nos versos, descrevendo a esperança, mas também as contradições impostas pelas condições exaustivas de trabalho que muitas vezes levavam esses trabalhadores à morte. O poema é ladeado por resistências, insistência, resiliência e sacrifícios que permeiam a morte. O poeta reconta, cria e devaneia sobre o céu do Planalto central. Enfim, o poema reverbera tudo aquilo que uma cidade representa em termos de paisagem natural e cultural.

Espera-se que as reflexões propostas por este trabalho possam contribuir para um aprofundamento dos estudos sobre os desassossegos provocados pela geopoesia, seus diálogos com as literaturas de campo, diálogos com as literaturas colocadas à margem, como a Literatura de cordel. O cordel proporciona um contato com as escrituras de autores considerados desconhecidos, mas que carregam a cultura popular, suas experiências, sua riqueza em palavras simples, mas ricas de significado como observados na Literatura de cordel. O cordel centroestino de Sebastião Varela (1981), traz à tona as relações entre geopoesia, espaço/paisagem e indivíduo, em suas dimensões sociais e culturais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Editora Abril, 1978.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Alfredo. **Leitura de Poesia**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

BOSI, Alfredo. **O ser e tempo da poesia**. 6.ed. São Paulo: Companhia das letras, 2000.



CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992/3701>>. Acesso em: 10 set. 2021.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. Série fundamentos. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Tradução: Alves Ida...[et all.] Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

COLLOT, M; COUTINHO, F. Poesia, paisagem e sensação / Poetry, landscape and sensation. **Revista de Letras**, v. 1, n. 34, 11. 2015.

DIEGUES, Manuel. et al. **Literatura Popular em verso**: estudos. Editora Universidade de São Paulo: Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973.

DOURADO, Gustavo. **Brasília 5.0**: antologia de cordel. Disponível em: <[https://www.academia.edu/231023/Bras%C3%ADlia\\_5\\_0\\_Antologia\\_de\\_Cordel](https://www.academia.edu/231023/Bras%C3%ADlia_5_0_Antologia_de_Cordel)>. Acesso em: 27 set. 2020.

FERREIRA, Sandra. Literatura contra à barbárie. In: MEDEIROS, Ana Clara, et al (orgs). **Os parceiros de águas lindas**: ensino de literatura pelas letras de Goiás. Goiânia: Pé de letras, 2018. p. 17-32.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. 50 ed. São Paulo, Cortez, 2009. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire. 49 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.

MEDEIROS et al. **Os parceiros de Águas Lindas**: ensino de literatura pelas letras de Goiás. Goiânia: Pé de Letras, 2018.

MELO, Rosilene Alves de (Org.). **Literatura de cordel**: conceitos, pesquisas, abordagens. Jundiaí, SP: 2020.

NUNES, Cassiano. Prefácio. In: VARELA, Sebastião. **O candango na fundação de Brasília**. Brasília: Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, 1981.

PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.



PAZ, Octávio. **Signos em rotação**. Trad. de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SILVA JUNIOR, Augusto; MARQUES, G. C. **Godoy Garcia e Niemar**: um canto geral centroestino. *Estudos contemporâneos da subjetividade*. V. 5, p. 232-248, 2015.

SILVA JUNIOR, Augusto. **Centroestinidades e geopoesia**: casa de morara niemar é a poesia. In: MEDEIROS, Ana Clara, et al (Orgs). **Os parceiros de águas lindas**: ensino de literatura pelas letras de Goiás. Goiânia: Pé de letras, 2018. p. 53-80.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

VARELA, Sebastião. **O candango na fundação de Brasília**. Brasília: Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, 1981.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.